DIRCEU RABELO



GRACILIANO RAMOS

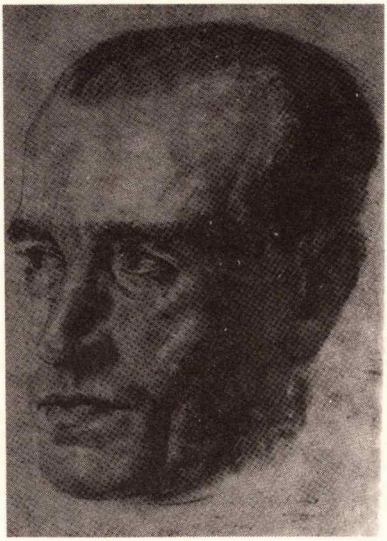
speito
emórias

82(81).0
R114g

1993 / Ex.01 F000146

RECIFE
1993

DIRCEU RABELO



GRACILIANO RAMOS

Anotações a respeito da ficção e das memórias

RECIFE
1993

ÍNDICE

	Pág.
Nota preliminar	05
Descobre-se um escritor	07
Visão de Álvaro Lins sobre a significativa diferença entre *Caetés* e *São Bernardo*	11
Breve registro sobre o problema do "Bem" e do "Mal" na obra graciliânica	13
A ficção como reflexo da vida real	15
Vidas Secas – um romance diferente dos outros de Graciliano Ramos	23
Uma linguagem coloquial e ao mesmo tempo clássica	27

NOTA PRELIMINAR

Abrimos estas anotações com um juízo crítico de Ferreira de Castro sobre a obra de um escritor a respeito do qual já foi dito que "depois de 1933 – e num espaço de meses – realizou-se plenamente a mais imprevista e vertiginosa carreira literária que se conhece no Brasil":

"Graciliano não era só um dos maiores romancistas que tiveram o Brasil e a língua portuguesa; ele era um dos maiores escritores do mundo contemporâneo. A sua obra possui o cunho sério e profundo das criações que não morrem; a sua forma, o ar sóbrio e significativo de uma legenda gravada para a posteridade. O tempo há de aumentar cada vez mais o seu prestígio, como aumenta o das inscrições deixadas pelos homens de outrora em pedras que resistiram a todos os desgastes dos séculos."

Se se levar em consideração o fato de que a obra de Graciliano Ramos já se encontra traduzida para vinte e oito idiomas de trinta e dois países, chega-se à conclusão de que não há nenhum exagero nas afirmações do notável escritor lusitano, que viveu no Brasil de 1910 a 1919, e legou à literatura de língua portuguesa um dos mais admiráveis documentos sobre a Amazônia: *A Selva.*

DESCOBRE-SE UM ESCRITOR

Nos limites de um relatório meramente administrativo revela-se a linguagem singularíssima de um romancista introspectivo, de interesse psicológico, profundamente irônico, de qualidades excepcionais.

Num livro de crítica publicado em 1941, com o título de *A Comédia Literária*, em capítulo dedicado a Graciliano Ramos, dizia o Sr. Osório Borba:

"Já foi divulgado o caso da "descoberta" do romancista. O editor Schmidt lera um relatório do prefeito dum vago município alagoano chamado Palmeira dos Índios e resolvera escrever a esse prefeito pedindo-lhe um romance para o editar. O relatório não era decerto um trabalho de ficção como tantos outros relatórios administrativos. Era um estudo sobre problemas econômicos e administrativos, cheio de observações e sugestões. No autor deste trabalho prático o editor poeta descobriu um grande escritor, e não foi uma ilusão de ótica. O prefeito há de ter sorrido, no primeiro momento, com arisca e modesta ironia, de tão inesperada encomenda. Mas o certo é que dois anos depois a editora lançava o *Caetés*. Em seguida, o Sr. Graciliano, que já era um nome, conhecia a vitória de sua estranha aventura literária com o *S. Bernardo*, editado pela "Ariel", de Gastão Cruls."

Osório Borba não disse, mas é forçoso concluir que a correspondência do poeta e editor Augusto

Frederico Schmidt a Graciliano Ramos tenha sido de 1931, já que a primeira edição de *Caetés* saiu em 1933.

O Sr. Paulo de Castro Silveira, advogado, ex-Procurador da Fazenda Nacional e conhecido escritor alagoano, com mais de vinte livros publicados nos campos do Direito, Ensaio Biográfico, História e Literatura, no livro *Graciliano Ramos, Nascimento, Vida, Glória e Morte*, editado em 1982 pela Fundação Teatro Deodoro, FUNTED, de Maceió, contesta a versão referida por Osório Borba, com um lacônico argumento que não nos parece convincente. Diz o biógrafo:

"Em Palmeira dos Índios, Graciliano Ramos escreveu o seu primeiro romance. Escreveu e reescreveu sempre em busca da perfeição. Está esse romance envolto na lenda de que o mestre foi descoberto por Augusto Frederico Schmidt, por causa dos seus relatórios como Prefeito Municipal de Palmeira dos Índios. Falando com sinceridade, jamais acreditamos nessa versão: Graciliano possuía talento. Logo mais teria de se tornar o escritor que foi."

Pensamos não assistir razão ao Sr. Silveira. Ora, o que o biógrafo disse foi exatamente o que Schmidt havia vaticinado, ao reconhecer o talento de Graciliano, com a leitura de um simples relatório.

Por outro lado, se o romance *Caetés* foi escrito nos anos de 1925 a 1928, quando teria sido concluído, segundo afirma o Sr. Paulo de Castro Silveira na página 66 da biografia, mas só foi publicado em 1933, é de se supor que Schmidt, antes da publicação

do romance, tomou conhecimento do relatório, que traz a data de 10 de janeiro de 1929.

Se não foi propriamente o poeta e editor Augusto Frederico Schmidt quem descobriu o escritor Graciliano, com a leitura de tal relatório, pode-se admitir. Mas que foi a partir da divulgação daquele documento e de outro relatório enviado por Graciliano Ramos ao Governador do Estado em 11 de janeiro de 1930, que se descobriu o escritor, parece não haver dúvida, como se dessume deste depoimento de Jorge Amado no prefácio da 8ª edição de *Viagem*, Editora Record:

"Naquele ano de 1933, começou-se a citar o nome de Graciliano Ramos, a propósito de uns relatórios que, como Prefeito de uma pequena cidade do interior, Palmeira dos Índios, enviara ao Governador do Estado."

Apesar de Jorge Amado referir o ano de 1933, o certo é que desde 1931, segundo se infere da informação do Sr. Osório Borba, o editor Schmidt já tinha conhecimento pelo menos do primeiro dos mencionados relatórios.

Em *Achados do Vento*, reportagem escrita sobre Graciliano por Francisco de Assis Barbosa (MEC-INL, 1958), diz o jornalista à página 67:

"Esse relatório acabou mesmo célebre. Lendo-o, um jovem editor do Rio, chamado Augusto Frederico Schmidt, imaginou que Graciliano Ramos teria forçosamente algum romance inédito. E o poeta-editor queria editar o livro. O romance existia, de fato, desde 1926. Mas só em 1933 é que seria editado por Schmidt."

Antes mesmo dos famosos relatórios enviados ao então Governador do Estado de Alagoas, Álvaro Paes, Graciliano Ramos, como presidente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios, escrevera outro impressionante relatório de menor divulgação, lembrado pelo mesmo Francisco de Assis Barbosa, à página 66 da obra citada.

"No fim do ano, o presidente da Junta Escolar escreveu um relatório, mandou imprimir um folheto, enviou-o ao diretor da Instrução Pública. O relatório impressionou de tal forma que o autor acabou sendo indicado para o cargo de prefeito municipal de Palmeira dos índios."

Assim, de relatório em relatório, descobre-se um escritor.

VISÃO DE ÁLVARO LINS SOBRE A SIGNIFICATIVA DIFERENÇA ENTRE *CAETÉS* E *SÃO BERNARDO*

Isso de o romance *Caetés* haver sido escrito muito antes de sua publicação vem confirmar a opinião de Álvaro Lins, num ensaio escrito em 1947, em que aponta inúmeros defeitos no primeiro romance de Graciliano Ramos, confrontando-o com *São Bernardo*, publicado em 1934, poucos meses depois da edição do primeiro. Assim se explica o autor de *Os mortos de sobrecasaca:*

"Por que não me agradou nada esse romance *Caetés*? Não quero ser categórico na minha opinião: e tomo a iniciativa de sugerir ao leitor que talvez ela tenha decorrido de só agora o haver lido, depois de conhecer toda a capacidade e toda a arte do autor de uma obra como *Angústia*."

E prossegue o crítico:

"Apenas um ano depois de *Caetés*, em 1934, aparecia *São Bernardo*; dir-se-ia que era livro de um novo escritor, tal a diferença entre um e outro, quanto ao valor literário e significação humana. A não ser que o primeiro tenha sido escrito muito antes do aparecimento; a evolução tão fundamente marcada no segundo num insignificante espaço de tempo, é inexplicável, é um dos mistérios da criação artística. Isso será assunto, aliás, para uma página de depoimento ou interpretação, a ser escrita por algum dos

companheiros que viveram em intimidade com o Sr. Graciliano Ramos na sua fase alagoana."

Essa predição de Álvaro Lins confirmar-se-ia mais tarde: o escritor Valdemar Cavalcanti, que viveu em intimidade com Graciliano Ramos, não somente na sua fase alagoana, senão também no Rio de Janeiro, segundo o testemunho do mestre Waldemar Lopes, que conheceu a ambos, atesta que *Caetés* foi escrito em 1925; e o biógrafo Paulo de Castro Silveira, que não foi propriamente contemporâneo do romancista, mas foi colega de escola dos filhos deste, diz que o livro foi iniciado em 1925 e concluído em 1928, muito antes, portanto, do seu aparecimento, como pressupôs Álvaro Lins.

Revelou o mesmo Álvaro Lins, repita-se, que o seu desencanto ao ler *Caetés* talvez tenha sido pelo fato de só o haver lido depois da leitura de *Angústia*.

Pensamos que o mesmo teria acontecido a um crítico que só viesse a ler *Ressurreição*, de Machado de Assis, depois de haver lido o *Dom Casmurro*. O desencanto teria sido igual.

BREVE REGISTRO SOBRE O PROBLEMA DO "BEM" E DO "MAL" NA OBRA GRACILIÂNICA

Wilson Martins, no posfácio da 14ª edição de *Caetés*, ao traçar um paralelo entre "seu" Ribeiro e Paulo Honório, personagens de *São Bernardo*, categoricamente afirma:

"Entre as duas paralelas marcadas por "seu" Ribeiro e Paulo Honório pode-se identificar perfeitamente o interesse psicológico do romancista Graciliano Ramos, a sua extratemporalidade, portanto, o seu desligamento dos problemas temporais. É antes o problema do Bem e do Mal o que atormenta o escritor alagoano, e, dito isto, terei definido toda a sua obra."

Esse problema do Bem e do Mal, referido por Wilson Martins, e que tanto estigmatizava ("verrumava", diria Graciliano) a alma do escritor, já se prenunciava no soneto "Por quê"?, incluído na sua – volumosa – como nos assegura Osório Borba – produção poética, publicada sob pseudônimo cuja revelação nunca foi consentida pelo autor, porque em Graciliano, no que respeita ao confronto de valor entre o romancista/contista e o poeta não faltou o senso de autocrítica, de que voltaremos a falar, oportunamente, ainda no decorrer destas anotações.

Eis o soneto:

Deste, ó Deus, aos pássaros o canto,
ao dia o sol e à noite o negro manto;
destes a seiva à planta, o orvalho à flor;
e cristalinas lágrimas à Dor.

Destes à música o sublime encanto
e ao sofrimento o bálsamo do pranto.
Às virgens destes rúbido pudor
que às faces tinge o frêmito do Amor.

À vossa obra mais bela, ao Régio-Ser
da Natureza destes a Mulher.
Quisera aprofundar, porém, ó Deus!

Quisera do mistério os negros véus
romper; Senhor, por que razão fatal
a tanto bem juntastes tanto mal?

No verso "e cristalinas lágrimas à Dor" e no uso das maiúsculas nas palavras "Dor", "Régio-ser" e "Mulher" nota-se uma ligeira semelhança com os poetas simbolistas.

A FICÇÃO COMO REFLEXO DA VIDA REAL

Depois de *Caetés* (1933), com a publicação de *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), o escritor Graciliano Ramos atingiu o ponto culminante de sua obra de ficção, só acrescentada pelo menos expressivo (o "menos expressivo" é por conta de Álvaro Lins) livro de contos *Insônia*, que veio a lume em 1947. No livro de memórias *Infância* (1945) e até mesmo nas *Memórias do Cárcere*, publicadas em 1955, dois anos depois da morte do autor, ficou esclarecida a íntima correlação das personagens dos livros de ficção com aquilo que morava dentro do homem Graciliano Ramos, como reminiscências do que vivenciou e sofreu durante a sua infância amargurada.

Em pesquisa realizada nas obras de ficção e de memórias de Graciliano, verificamos que aquele senso de autocrítica aludido linhas atrás, que levou o escritor a só publicar, sob pseudônimo e com muita reserva, a volumosa produção poética referida por Osório Borba na página 239 da obra citada, aquele senso de autocrítica foi revelado pelo romancista através da mais expressiva das suas criaturas de ficção, que outra não é senão a personagem central de *Angústia*, Luís da Silva, que confessa na página 43 do romance, 18º edição, Editora Record:

"Habituei-me a escrever, como já disse. Nunca estudei, sou um ignorante, e julgo que os meus escri-

tos não prestam. Mas adquiri cedo o vício de ler romances e posso, com facilidade, arranjar um artigo, talvez um conto. Compus, no tempo da métrica e da rima, um livro de versos. Eram duzentos sonetos, aproximadamente. Não me foi possível publicá-los, e com a idade, compreendi que não valiam nada."

O uso da locução adverbial "no tempo da métrica e da rima" leva-nos a concluir, por ilação, que a obra poética de Graciliano Ramos foi produzida antes da Semana de Arte Moderna de 1922, ou seja, antes dos trinta anos do escritor, que nasceu em 1892.

É de Ricardo Ramos, filho de Graciliano e ficcionista também, por uma coincidência do destino falecido no dia 20 de março de 1992, exatamente no mesmo dia e mês em que morria o pai, no ano de 1953, a seguinte confissão, publicada no Suplemento Cultural do jornal *A Tarde*, de Salvador, BA, edição de 20 de março de 1993:

"Véspera de Ano-novo, entraríamos em 1953. Abatidíssimo, ele me pegou pelo braço e fomos para o seu quarto, fechou a porta. Sem qualquer preparação, começou a falar:

– Preste atenção ao que não está em livro. Se assinei com meu nome, pode publicar; se usei as iniciais GR, leia com cuidado, veja bem; se usei RO ou GO, tenha mais cuidado ainda. O que fiz sem assinatura ou sem iniciais não vale nada, deve ser besteira, mas pode escapar uma ou outra página menos infeliz. Já com pseudônimo não, não sobra uma linha, não deve sair. E pelo amor de Deus, poesia nunca. Foi tudo uma desgraça."

Três meses depois desta recomendação, falecia o grande romancista, consciente da mediocridade de sua produção poética.

Constatamos, ainda, em nossa pesquisa, entre outras coincidências, que aqueles André Laerte e José Baía, lembrados pela personagem Luís da Silva no delírio de que foi acometido nas horas seguintes ao estrangulamento de Julião Tavares, são personagens reais que Graciliano conheceu na infância, na cidade de Buíque (PE), onde, segundo o memorialista de *Infância*, havia um fazendeiro chamado Paulo Honório, coincidentemente nome da personagem central de *São Bernardo* e que, no romance, também era um fazendeiro. Na página 210 de *Angústia*, Luís da Silva, naquela alucinação, lembrando pessoas e episódios de sua infância, diz:

"André Laerte andava como um gato."

E na página 53 de *Infância*, 12ª edição, é o próprio Graciliano que assim rememora:

"André Laerte, barbeiro muito sujo, usava um aventual ensangüentado, pisava macio, com modos de gato."

O filho mais velho de Fabiano - e vale lembrar que "Graciliano seria o primogênito de uma prole de dezessete" (Francisco de Assis Barbosa, obra citada, página 59) - travou uma discussão com mãe Sinhá Vitória a respeito da existência ou não do inferno, passagem que o romancista descreve assim, na página 62, da 39ª edição de *Vidas Secas*:

"Agora tinha tido a idéia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de Sinhá Terta. Ia decorá-la e transmiti-la

ao irmão e à cachorra. Baleia permanecia indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

– Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com Sinhá Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem, Sinhá Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo."

Em *Infância*, página 78, da 12ª edição, Graciliano registra discussão idêntica que teve com a própria mãe:

"– Os padres estiveram lá? tornei a perguntar.

Minha mãe irritou-se, achou-me leviano e estúpido. Não tinham estado, claro que não tinham estado, mas eram pessoas instruídas, aprendiam tudo no seminário, nos livros. Senti forte decepção: as chamas eternas e as caldeiras medonhas esfriaram. Começava a julgar a história razoável, adivinhava por que motivo Padre João Inácio havia perdido um olho no inferno e de lá trouxera aquele mau costume. A resposta de minha mãe desiludiu-me, embaralhou-me as idéias e pratiquei um ato de rebeldia:

– Não há nada disso.

Minha mãe esteve algum tempo analisando-me, de boca aberta, assombrada. E eu, numa indignação por se haverem dissipado as tachas de breu, os demônios, o prestígio de Padre João Inácio, repeti:

– Não há não. É conversa.

Minha mãe curvou-se, descalçou-se e aplicou-me várias chineladas."

Não resta dúvida de que quase todas as personagens de ficção do romancista são reflexos do temperamento das pessoas que ele conheceu na infância.

Octávio de Faria, no estudo intitulado "Graciliano Ramos e o Sentido Humano", inserto da 12ª edição de *Infância*, afirma:

"Em Graciliano Ramos, o menino Graciliano é tudo. Seus heróis são o menino, sua timidez é a do menino, seu pessimismo é o do menino, sua revolta é a do menino. Em uma palavra: o sentido que tem do humano é o que o menino adquiriu no contato com os homens que o cercavam, com quem travou as primeiras relações, de quem recebeu as primeiras ordens, que conheceu nas inúmeras fraquezas. Os homens...".

Em carta dirigida à sua irmã Marili, referida por Paulo de Castro Silveira, dizia Graciliano:

"Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos."

O admirável e prematuramente desaparecido crítico literário Moacir de Albuquerque, de quem o autor destas linhas teve a honra de ser aluno de Português no Colégio Estadual de Pernambuco, em *Literatura e Técnica Literária*, publicação póstuma da Imprensa Oficial de Pernambuco, 1962, sustentava, à página 335:

"Todo personagem encerra um pouco do criador e dos amigos e conhecidos do criador. Nenhum romancista foge à regra, sob pena de fracassar. Não foi em vão que Flaubert afirmou: 'Madame Bovary sou eu.' Proust aborreceu muita gente que se julgou retratada em seu livros. Bulhão Pato agrediu violentamente Eça de Queiroz, por se ver encarnado no poeta Alencar de *Os Maias*. Fradique Mendes foi erguido com pedaços de Ramalho Ortigão, Eduardo Prado, Oliveira Martins e do próprio Eça."

No citado livro *A Comédia Literária*, diz Osório Borba:

"Qual é a grande obra literária que não tem algo de autobiográfico, que não condensa, transformada pela criação artística, as reminiscências, a experiência humana do autor? A Kipling atribui-se uma réplica interessante aos que o acusavam de ser um 'memorialista'. Dizia ele: se um romance baseado em memórias, inspirado em fatos reais, não tem nenhum valor porque o autor reproduziu coisas acontecidas, peça-se a cada um dos heróis desses episódios que escreva a sua história, que faça dos acontecimentos em que esteve envolvido uma obra literária, e ver-se-á se basta ter vivido um episódio para saber transformá-lo numa obra de arte..."

E no mesmo livro, naquele capítulo dedicado a Graciliano, escreve:

"Não conheço obra que melhor retrate o autor. Não que seja toda e rigorosamente autobiográfica. Mas na pessoa do autor a gente sem querer vê a figura física de Paulo Honório, senhor de engenho arrasado e embrutecido, cinqüenta anos gastos em

canseiras inúteis, e teimando em perpetuar a memória duma vida estúpida e estéril através duma veleidade literária retardatária."

Essa veleidade literária citada por Osório Borba não havia só em Paulo Honório, no romance *São Bernardo*: já tinha sido manifestada por João Valério, em *Caetés*; e o seria, posteriormente, por Luís da Silva, em *Angústia*. Todas aquelas personagens tinham projeto de escrever um romance, que nao escaparia à sina de ficar engavetado por alguns anos, como de resto ficou provado com relação ao primeiro romance de Graciliano Ramos.

No ensaio intitulado "Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisidor", que serviu de posfácio à 14ª edição de *Caetés*, Wilson Martins realça essa identidade das personagens de ficção com o próprio autor:

"Não é surpresa, pois, encontrarmos cenas, frases e até situações inteiras de *Infância* que já constavam dos romances anteriores do autor, da mesma forma que, com a publicação das memórias, reconhecemos muitas coisas dos livros anteriores do romancista"... Em *São Bernardo*, inesperadamente (pág. 120), aparece-nos Maria das Dores, na cozinha, dando lições a um papagaio do qual não há nenhuma referência anterior nem posterior, e que agora sabemos ser um episódio da infância do romancista."

Essa mesma constatação é feita por Álvaro Lins, noutro ensaio, escrito em 1945:

"Sim: é em *Infância* que poderemos encontrar a significação de *São Bernardo* e *Angústia*." E conclui: "A autobiografia do Sr. Graciliano Ramos explica o

caráter sombrio de sua obra de romancista: o criador de *São Bernardo* e *Angústia* já estava no menino amargurado de *Infância*, onde encontramos agora as raízes de seu niilismo implacável e devastador."

VIDAS SECAS – UM ROMANCE DIFERENTE DOS OUTROS DE GRACILIANO RAMOS

Salvo no que respeita à transposição de fatos da vida real para o mundo da ficção, já evidenciada nos três primeiros romances de Graciliano, *Vidas Secas* é um romance completamente distinto.

A bem dizer, *Vidas Secas* não chega a ser propriamente um romance. Trata-se de uma coleção de contos inspirados em personagens e episódios relacionados com a infância do autor, na quadra dos dois a sete anos (1894 a 1899), período em que Graciliano viveu no município de Buíque, Estado de Pernambco, onde seu avô era fazendeiro. Aliás, é do próprio Graciliano o seguinte relato, feito em carta dirigida a José Condé em junho de 1944, referida por Moacir Medeiros de Sant'Ana no livro *Graciliano Ramos*, publicação do Arquivo Público de Alagoas – SENEC, de 1973, página 48:

"Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avô tomou a figura de Sinhá Vitória; meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos."

No conceito de Sérgio Milliet, *Vidas Secas* são "um conjunto de histórias"; para Rubem Braga, um "romance desmontável".

Na classificação de Álvaro Lins, *Caetés* e *Angústia* são romances; *São Bernardo* e *Vidas Secas*, novelas.

Para a elaboração de *Vidas Secas* não houve um plano preestabelecido, como convém aos romances. Já está confirmado, segundo nos assegura o jornalista Francisco de Assis Barbosa, que o capítulo nono, intitulado "Baleia"; foi escrito em 4 de maio de 1937; e o capítulo quarto, "Sinhá Vitória", em 18 de junho do mesmo ano, portanto, um mês e quinze dias depois. Esta informação se encontra na página 71, do livro *Achados do Vento*, edição MEC-INL, de 1958, "Revista dos Tribunais" Ltda., em que vem inserta uma reportagem (páginas 55 a 73) feita pelo mencionado jornalista sobre Graciliano Ramos, basicamente fundamentada na entrevista que o escritor alagoano concedera a Joel Silveira "por volta de 1939".

Consoante afirma o mesmo Francisco de Assis Barbosa (obra citada, página 63), Graciliano Ramos, na adolescência, teria lido muito a respeito de sociologia criminal. Esta afirmativa do autor de *Achados do Vento* nos levou a procurar na obra do mestre de Quebrangulo alguma coisa que refletisse a marca dessa leitura a que se dedicara o adolescente Graciliano. A resposta à nossa pesquisa/indagação parece estar no seguinte: o desfecho de *Caetés* é o suicídio de Adrião Teixeira, traído pelo adultério da mulher Luísa com o empregado dele, João Valério; em *São Bernardo* há o suicídio de Madalena, vítima da estupidez de Paulo Honório; o desenlace de *Angústia* é o homicídio praticado por Luís da Silva com o estrangulamento de Julião Tavares, num premeditado gesto de vingança passional.

Vidas Secas, bem ao contrário, é um livro profundamente humano, com passagens de verdadeira

inspiração poética. É um testemunho de resignação e de esperança de um sofrido casal de retirantes, lutando contra a miséria das secas, e cujo patrimônio se resumia a dois filhos menores, um papagaio e uma cachorra.

Outro traço que diferencia *Vidas Secas* dos três primeiros romances é a narrativa na terceira pessoa; naqueles outros foi ela feita na primeira, pelas próprias personagens. Em *Caetés*, a narração ficou por conta de João Valério; em *São Bernardo*, fê-la Paulo Honório; em *Angústia*, Luís da Silva.

Em *Vidas Secas*, não: é o próprio romancista quem assume o comando do barco, como que já consciente da culminância literária a que chegara, maciçamente redemonstrada no livro de memórias *Infância*, em que aparece plenamente amadurecido o estilista do mais veemente libelo já escrito no Brasil contra o Estado Novo, que são as *Memórias do Cárcere*, obra que veio confirmar ainda mais a consagração definitiva do escritor.

Dir-se-ia, finalmente, que *Vidas Secas*, publicado em 1938, teria sido a ponte de transição do ficcionista de *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936) para o memorialista de *Infância*, publicado em 1945.

UMA LINGUAGEM COLOQUIAL E AO MESMO TEMPO CLÁSSICA

O que basicamente caracteriza o estilo do escritor Graciliano Ramos é a combinação de uma terminologia regional, caipira, com uma linguagem clássica, concisa e correta, recursos convenientemente aproveitados na sua obra de ficção, em que – permitam-nos a digressão – a ambiência e o episódio pesam menos do que o estado interior de espírito das personagens; daí o predominante caráter de universalidade de toda a sua obra romanesca.

Ninguém mais do que Osório Borba registrou com tanta precisão esse coloquialismo/classicismo na obra do ficcionista de *Angústia* e memorialista de *Infância*:

"O escritor é um caipira integral, cuja adaptação à vida metropolitana se faz penosamente e somente se faz graças ao elevado grau de sua inteligência. Seus temas, seu vocabulário, seus personagens são regionais, são cem por cento matutos, mas a prosa que ele escreve é uma prosa portuguesa clássica, tida pelos filólogos como impecável. O matuto não é um 'curioso' da literatura, mas um homem caprichoso que aprendeu a língua, conhece o seu pouco de latim e versa os clássicos."

Registra, ainda, Osório Borba que Graciliano, ao tomar conhecimento de que um crítico gramatiqueiro dissera que, ao contrário de toda a literatura

moderna, os livros dele, Graciliano, "eram afinal os únicos escritos em linguagem 'mais ou menos certa', replicou de imediato: - Mais ou menos uma sulipa. Meu português é inteiramente certo!"

Quase à unanimidade, a crítica vê em *Caetés* uma influência de Eça de Queiroz sobre o escritor alagoano, no confronto deste livro com *A Ilustre Casa de Ramires* e *O Primo Basílio*, do genial romancista português. E não se pode negar, em Graciliano, no que concerne à introspecção, ao homem voltado para dentro de si mesmo, uma clara semelhança com Machado de Assis, embora o próprio Graciliano, em defesa, haja dito que, ao escrever o seu primeiro romance, ainda não havia lido o autor das *Memórias Póstumas de Braz Cubas.*

Sobre essa comentada influência de Eça de Queiroz, diz Álvaro Lins:

"Costuma-se dizer que este primeiro romance do Sr. Graciliano Ramos foi muito influenciado por Eça de Queiroz. Ora, a não ser em algumas pilhérias, e na página final, que realmente parece ter sido inspirada nas últimas páginas de *A Ilustre Casa de Ramires*, não vejo nitidamente as linhas dessa ligação. Parece-me que mais verdadeiro foi o Sr. João Gaspar Simões quando o aproximou de um Camilo Castelo Branco, naturalmente de um Camilo Castelo Branco despojado do arcaísmo e da linguagem artificiosa."

Já naquele tão falado relatório enviado ao Governador de Alagoas em 10 de janeiro de 1929, integralmente transcrito nas páginas 161 a 170 da 8ª edição de *Viventes das Alagoas*, Editora Record, Graciliano demonstrava o regionalismo dos termos, a

precisão e concisão da linguagem e a ironia que iriam ser a tônica das suas obras de ficção e de memórias. Logo no começo do relatório, diz:

"Havia em Palmeira dos Índios inúmeros prefeitos: os cobradores de impostos, o Comandante do Destacamento, os soldados, outros que desejassem administrar. Cada pedaço do Município tinha a sua administração particular, com Prefeitos Coronéis e Prefeitos Inspetores de Quarteirões. Os fiscais, esses, resolviam questões de polícia e advogavam. Para que semelhante anomalia desaparecesse lutei com tenacidade e encontrei obstáculos dentro da Prefeitura e fora dela - dentro, uma resistência mole, suave, de algodão em rama; fora, uma campanha sórdida, oblíqua, carregada de bílis. Pensavam uns que tudo ia bem nas mãos de Nosso Senhor, que administra melhor que todos nós; outros me davam três meses para levar um tiro. Dos funcionários que encontrei em janeiro do ano passado restam poucos: saíram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma. Os atuais não se metem onde não são necessários, cumprem as suas obrigações, e, sobretudo, não se enganam em contas. Devo muito a eles. Não sei se a administração do Município é boa ou ruim. Talvez pudesse ser pior."

No mesmo relatório, refere-se ao cemitério público, com esta extraordinária síntese metafórica:

"No cemitério enterrei 189$000 - pagamento ao coveiro e conservação."

Vernaculista, ele não dizia "vitrine", mas "vitrina"; nem "nuance", mas "nuança"; não dizia "o personagem", mas "a personagem".

Sintetizador de imagens, em vez de dizer que a serra estava coberta de névoa, dizia: a serra cachimbava.

No modo personalíssimo de construir a frase está toda a força de expressão de Graciliano Ramos. No segundo capítulo da primeira parte das *Memórias do Cárcere*, a respeito de uma viagem que planejara fazer, quando já demitido do Serviço Público de Alagoas, e na véspera da prisão, diz:

"Conveniente isolar-me, a idéia da viagem a perseguir-me. De que modo realizá-la? Havia uma penca de filhos, alguns bem miúdos. E restava-me na carteira um conto e duzentos. Apenas."

Noutra passagem do mesmo livro, assim se expressa:

"Em frente a mim, os cotovelos na mesa, Tavares, sonolento, bocejava com dignidade bovina. Nenhuma aparência de cão de guarda: um boi. De espaço a espaço mugia uma questão, a que eu respondia por monossílabos, afirmando ou negando com a cabeça."

Aludindo ao cheiro de amoníaco saído da urina que escorria pelo piso do compartimento do navio onde ficava sua cela, descreve o modo de se deslocar, comparando-se a um papagaio, cena que retrata, como costuma fazer, com fiel onomatopéia secundária:

"Não me arriscava a calçar os chinelos; conservava os sapatos, e, embora tivesse os pés resguardados, repugnava-me, em certos pontos, encostar as

solas na tábua: andava sobre os calcanhares, banzeiro como um papagaio, receoso de pisar nas imundícies, cada vez mais abundantes."

Lembrando a indiferença com que era tratado pelas autoridades policiais na prisão, principalmente por nunca ter sido acusado formalmente pela prática de qualquer crime, nem sequer interrogado, sintetiza esse sentimento assim:

"Não me acusavam: suprimiam-me."

E, ao mesmo tempo misericordioso e irônico, recorda mais uma vez a sentinela que o vigiava, aquele mesmo Tavares que "bocejava com dignidade bovina":

"O sujeito firme, encostado no fuzil. Iria passar ali a noite, dormir em pé? Eu não tinha sono, mas ele, coitado, com certeza engolia bocejos, amolava-se. Enfim, que significação teria aquilo? Pretenderiam prestar-me deferência, considerar-me um sujeito pernicioso demais, que era preciso vigiar, ou queriam apenas desenferrujar as molas de um recruta desocupado?"

Sobre a crise de choro de que um dia foi atacado o advogado Nunes Leite, seu companheiro de prisão, Graciliano nos dá este admirável testemunho de tudo quanto até aqui foi dito a respeito do seu estilo:

"Todos os caminhos fechados. E o infeliz soluçava, no desabamento de sua profissão. Impossível defender o direito de alguém. Propriamente, já não havia direito. A lei fora transgredida, a lei velha e sonolenta, imóvel carrancismo exposto em duros volumes redigidos em língua morta. Em substituição a

isso, impunha-se uma lei verbal e móvel, indiferente aos textos, caprichosa, sujeita a erros, interesses e paixões. E depois? que viria depois? O caos, provavelmente. Se os defensores da ordem a violavam, que devíamos esperar? Confusão e ruína. Desejando atacar a revolução, na verdade trabalhavam por ela. Era por isso talvez que o Bacharel Nunes Leite chorava."

Com as seguintes palavras transcritas por Nelson Werneck Sodré no prefácio às *Memórias do Cárcere*, Augusto Frederico Schmidt termina estas anotações, nada mais que anotações, a respeito da ficção e das memórias de Graciliano Ramos:

"Quando os que se julgam poderosos das letras nada mais forem, quando esses a quem ninguém ousa disputar honrarias, viagens e proventos não forem lembrados sequer, ainda se ouvirão na estrada os passos da família de Fabiano tangida pela seca, a Baleia continuará a morrer angustiada por não estar cumprindo o seu dever de vigiar as cabras, naquela hora em que cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, a rondar as moitas afastadas. Quando o silêncio tiver sepultado toda uma literatura cheia de brilho e de enfeites, e ninguém se lembrar dos que estiveram na moda, a tragédia do bruto de *São Bernardo* continuará e os sofrimentos dos homens e das mulheres de *Angústia* não terão passado."


F000146